

Índios pedirão a Lula reformulação da Funai

Documento que será enviado a petista defende criação de secretaria especial

Letícia Helena

• Apito é coisa do passado. Os índios brasileiros querem a reestruturação da Funai, a criação de um conselho que elabore programas de saúde, educação e meio ambiente para os mais de 510 mil nativos, de 235 povos diferentes, e ampla participação nas entidades que cuidam da política indigenista no país.

Reunidos numa pajelança no Rio, representantes de 35 etnias de 22 estados incluíram estas propostas num documento que será entregue ao presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva. O objetivo é mostrar ao futuro governo que os indígenas estão dispensando a tutela do Estado em nome de uma cidadania plena.

— A questão indígena não pode mais ser vista como uma coisa exótica, do passado. Não somos mendigos. Somos cidadãos brasileiros e queremos apoio financeiro, político e técnico para desenvolver nosso potencial. Os povos indígenas têm um compromisso de ajudar o Brasil a se tornar uma nação melhor. Para todos — diz um dos articuladores do encontro no Rio, Gersem Santos Luciano, da etnia baniua.

— A principal reivindicação é que o futuro governo transfira para uma secretaria especial, vinculada à Presidência, a

responsabilidade pela elaboração das políticas indigenistas, que hoje é do Ministério da Justiça. Assim, será possível pensar na situação dos índios como um todo e não se limitar a iniciativas isoladas espalhadas por níveis diferentes do governo federal — afirma o professor João Pacheco, do Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento do Museu Nacional.

O seminário “Bases para uma nova política indigenista” aconteceu no Museu Nacional e teve a presença até de representantes da equipe de transição de Lula. Durante três dias, foram discutidas formas de os indígenas terem mais participação nas esferas de poder. Hoje, são 90 vereadores e três vice-prefeitos. E pleiteiam cargos na administração federal.

Levantamento feito por entidades indigenistas indica que apenas 10% dos funcionários da Funai têm nível superior. Existiriam mil vagas que poderiam, segundo os representantes das etnias, serem preenchidas por índios.

— O destino da Funai é uma das maiores preocupações dos indígenas. Por isso, eles resolveram fazer este documento, temendo que outras pessoas tenham a iniciativa de procurar Lula supostamente em nome dos índios brasileiros — disse Pacheco. ■

Agenda indígena para os primeiros cem dias

Delimitação de reserva é uma das reivindicações

• No seminário “Bases para uma nova política indigenista”, que aconteceu no Rio, os indígenas organizaram também uma agenda para os primeiros cem dias do futuro governo, na qual pedem a solução para problemas como a delimitação da reserva Raposa/Serra do Sol, em Roraima, onde há um conflito entre índios e militares; a atuação de garimpeiros e madeireiros na área dos cinta-larga, em Rondônia; o reassentamento do povo tuxá, na Bahia; e a violência enfrentada pelos xucurus, que vivem próximo ao Polígono da Maconha, em Pernambuco.

— Não somos contrários à fiscalização das fronteiras, mas a instalação de quartéis na área Raposa/Serra do Sol está causando problemas para os 14 mil indígenas que vivem na região. Desde 1998, aguardamos a demarcação definitiva destas terras e, até hoje, o processo está emperrado pelas pressões dos políticos de Roraima — explicou Clóvis Ambrósio, da etnia wapichana, integrante do Conselho Indígena de Roraima.

A pressão política também vem atrasando a aprovação do Estatuto das Sociedades Indígenas, que desde 1991 tramita no Congresso, dando forma à política explicitada na Constituição de 1988. A nova lei substituirá o vetusto Estatuto do Índio, elaborado em 1973, em pleno regime militar.

— A aprovação do estatuto será um dos temas centrais da Conferência Nacional dos Povos Indígenas, que está sendo organizada para o ano que vem. Nesse encontro, que reunirá representantes de todas as etnias, será lançada a base para a instalação do Parlamento dos Povos Indígenas, um velho sonho dos índios brasileiros. Mas este processo é longo e dependerá muito do empenho do futuro governo. Como votaram maciçamente em Lula, os indígenas apostam que, pela primeira vez, terão um canal aberto com o poder — disse o professor João Pacheco, do Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento do Museu Nacional. (L.H.).